



**GT – “05”: “Crise e Crítica: a urbanização contemporânea e os limites da reprodução social”**

### **O Trabalho informal e a Sociabilidade na Feira Livre de Duque de Caxias**

Autor(01): Matheus Victor Teodoro Villas-Bôas  
Filiação institucional: Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
E-mail: matheusfonshaine@gmail.com

Autor(02 - **se houver**):  
Filiação institucional:  
E-mail:

**(ATENÇÃO: Não se identifique na primeira submissão)**

**RESUMO:** Este trabalho aspira por uma linguagem geográfica, perceptiva, crítica e filosófica sobre o tema feira livre, em específico a feira livre de Duque de Caxias, na região da Baixada Fluminense. Abordagens tratadas pela precarização do trabalho, setor informal são percepções de um cotidiano urbano que colocam em exclusão os trabalhadores que vivem nesta cidade. O cotidiano acelerado e o trabalho precário se tornam crescente a crise da sociabilidade, impossibilitando um viver urbano livre, desacelerado e organizado. A conclusão deste trabalho é tornar as ferramentas vitais de comunicação como válvulas de conhecimento e informação possibilitando uma retomada da sociabilidade como um bem comum a todos que vivem na urbe.

**Palavras-chave:** Feira livre, setor informal, sociabilidade.

### **Informal Work and Sociability at the Duque de Caxias Street Market**

**ABSTRACT:** This article aspires to language a geographical, perceptive, critical and philosophical language on the topic of street markets, specifically the street markets of Duque de Caxias, in the Baixada Fluminense region. Approaches that focus on the precariousness of work and the informal sector are perceptions of an urban daily life that excludes workers who live in this city. The accelerated daily life and precarious work are becoming a growing crisis

of sociability, making it impossible to live a free, slowed down and organized urban life. The conclusion of this paper is to make vital communication tools as valves of knowledge and information, enabling a resumption of sociability as a common good for all who live in the city.

**Keywords:** Open-air market, informal sector, sociability.

### **Trabajo informal y sociabilidad en el Mercado Libre Duque de Caxias**

**Resumen:** Este trabajo aspira a brindar un lenguaje geográfico, perspicaz, crítico y filosófico sobre el tema de las ferias al aire libre, específicamente la feria al aire libre de Duque de Caxias, en la región de la Baixada Fluminense. Los enfoques abordados por la precariedad del trabajo, el sector informal son percepciones de una vida cotidiana urbana que excluyen a los trabajadores que viven en esta ciudad. La acelerada vida cotidiana y el trabajo precario se convierten en una creciente crisis de sociabilidad, haciendo imposible vivir una vida urbana libre, lenta y organizada. La conclusión de este trabajo es convertir herramientas vitales de comunicación en válvulas de conocimiento e información, permitiendo retomar la sociabilidad como un bien común para todos los que viven en la ciudad.

**Keywords:** feria libre, sector informal, sociabilidad.

**MATHEUS VICTOR TEODORO VILLAS-BÔAS**

**Crise e Crítica: a urbanização contemporânea e os limites da reprodução**

**O Trabalho informal e a Sociabilidade na Feira Livre de Duque de Caxias**

Trabalho apresentado no curso  
de Geografia da Universidade  
Federal Rural do Rio de Janeiro

Orientador: Marcio Rufino Silva

RIO DE JANEIRO

2024

## 1. INTRODUÇÃO

---

A Feira Livre de Duque de Caxias está situada no 1º Distrito da cidade, no bairro da 25 de Agosto, acontece aos domingos, na região denominada de Baixada Fluminense. A feira livre é uma das mais tradicionais feiras do estado do Rio de Janeiro, sendo durante os anos de 1940 uma das maiores feiras livres do país segundo Lacerda<sup>1</sup>, presentemente, outras feiras livres no Brasil ultrapassaram o percurso de 4km da feira livre de Duque de Caxias. A feira possui iguarias, gastronomia, flores, roupas, frutas, verduras, músicas, ferramentas e tudo o que precisar e imaginar de produtos e mercadorias, a feira livre tem. Não se sabe exatamente quando a feira foi fundada, é de conhecimento popular os primeiros feirantes até hoje, e exercem a função herdada dos seus avós. O objetivo deste artigo é interpretar a vivência dos feirantes em uma perspectiva espacial, traçar rumos sobre a divisão do trabalho que existe na feira livre, avaliar as inclinações sociais que movem os moradores da cidade, a frequentarem a feira livre, e fidelizar a união entre feirante e cliente. O conteúdo metodológico usado neste artigo retrata as noções de sociabilidade<sup>2</sup>, circuito inferior da economia (Santos, 2001)<sup>3</sup>, setor informal (Santos, 2001), ritmanálise (Lefebvre, 2021.)<sup>4</sup>, e aspectos negligenciados no sistema capitalista a partir de uma noção sobre a precarização do trabalho.

A feira livre representa parte do meio rural da Baixada Fluminense, com pequenos produtores rurais da região, que vendem sua produção excedente de subsistência nas feiras que a cidade possui. A cidade de Duque de Caxias conta com feiras itinerantes, que se concentram nos bairros mais populosos nos quatro distritos que pertencem a: Duque de Caxias, 1º Distrito; Campos Elíseos, 2º Distrito; Imbariê, 3º Distrito; Xerém, 4º Distrito.

---

<sup>1</sup> . Uma passagem pela Caxias dos anos 60. Fragmentos de Memória e registros diversos. Duque de Caxias: Edição do Autor, 2001.

<sup>2</sup> Mascarenhas, Gilmar. O Lugar da Feira Livre na Grande Cidade Capitalista: Conflito, Mudança e Persistência (Rio de Janeiro: 1964-1989), dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFRJ, 1991.

<sup>3</sup> Santos, Milton, 1926-2001. O Espaço Dividido: Os Dois Circuitos da Economia Urbana dos Países Subdesenvolvidos. 2. Ed. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

<sup>4</sup> Lefebvre, Henri. Elementos de Ritmanálise. 2021, da edição brasileira. Consequência Editora.

Neste artigo busco métodos epistemológicos para traçar paradigmas eficientes baseados nas obras de Lacerda<sup>5</sup>; Souza<sup>6</sup>; Alves<sup>7</sup>; De Souza<sup>8</sup>; Silva<sup>9</sup>. Esses autores são especialistas em assuntos que abordam a Região da Baixada Fluminense, oferecendo estatísticas e informações que tratam o espaço inserido e região, encontrado no contexto territorial, principalmente no 1º distrito do município de Duque de Caxias. No processo de circuitos da economia urbana, citaremos autores como Santos<sup>10</sup>, Mascarenhas<sup>11</sup>; substancialmente corroboram para uma análise do Brasil em larga escala geográfica, traçando rumos de processos econômicos das cidades capitalistas. Por último e não menos importante, Lefebvre, com o debate sobre elementos da ritmanálise<sup>12</sup> em perspectivas de movimento, ritmo, música e homogeneização do tempo. Explicando as principais formas de sincronia do tempo com a produção urbana. Lefebvre, abre espaço para o debate com outros autores em seu prefácio a partir de mudanças do cotidiano conforme se passa o tempo e as maneiras de alienação na produção do espaço. O interesse filosófico é traduzir em fatos e argumentos percepções do autor no tema feira livre, e consolidar uma análise contemporânea sobre o diálogo entre as hierarquias dos setores formais e informais da rede urbana, sem perder o ritmo sobre a superação da filosofia, a prática da filosofia<sup>13</sup> entre a geografia e a cidade.

Em um contexto internacional de agendas cada vez mais voltadas para a segurança, a paz e, porque não, a guerra, o Brasil segue como um país neutro nas grandes discussões globais sobre assuntos de grau eloquente do ponto de vista, da paz. As guerras urbanas, a pobreza, as

---

<sup>5</sup> Uma passagem pela Caxias dos anos 60, 2001.

<sup>6</sup> Santos de Souza, Marlúcia. Escavando o Passado da Cidade: História Política da Cidade de Duque de Caxias. Direitos autorais, 2014. Associação de Professores e Pesquisadores de História-APPH-CLIO.

<sup>7</sup> Cláudio Souza Alves, José. Dos Barões ao extermínio. 2ª edição, Revista e ampliada, Consequência Editora, Rio de Janeiro, 2020.

<sup>8</sup> De Souza, Eldemar. A Tradicional Feira de Caxias. In: Revista Caxias Magazine, agosto de 1984.

<sup>9</sup> Severino da Silva, José. Diáspora Nordestina na Baixada Fluminense: A Literatura de Cordel como marca Identitária. Programa de Pós-Graduação em Letras e Ciências Humanas. Duque de Caxias, 2012.

<sup>10</sup> O Espaço Dividido: Os Dois Circuitos da Economia Urbana dos Países Subdesenvolvidos, 2001

<sup>11</sup> MASCARENHAS, Gilmar. O Lugar da Feira Livre na Grande Cidade Capitalista: Conflito, Mudança e Persistência (Rio de Janeiro: 1964-1989), dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFRJ, 1991.

<sup>12</sup> Ritmanálise “conceito chave da pesquisa para compreensão do cotidiano, dos ritmos urbanos, os movimentos da cidade em conjunto, das populações que consomem, da cultura, da música, da gastronomia em paralelo a novos caminhos.” Elementos da ritmanálise, 2021.

<sup>13</sup> Lefebvre (2021) Elementos da ritmanálise, 2021.

favelizações pouco falam sobre as macrocefalias urbanas, as populações subalternizadas e muito fala sobre os grandes aglomerados financeiros e incorporadoras.

Em 2024 o Brasil tem como casa em novembro a sede da cúpula do G20, e espera a chegada de chefes de estado, ministros e presidentes, a fim de debater assuntos globais de âmbito urbano e rural, do campo e da cidade, e qual desses assuntos a sociabilidade do mundo contemporâneo se alinharia? Em um mundo técnico-científico-informacional, em que parte as redes sociais seriam um instrumento que auxiliaria as discussões em âmbito público? A relevância do SIMPURB<sup>14</sup> justamente com esse artigo, visa apresentar a necessidade do tema para a sociabilidade tão bem representada nos espaços urbanos de troca e venda de mercadorias e produtos ao ar livre.

A partir da percepção do autor sobre as vivências, as fidelizações e a política econômica da cidade, os critérios de exposição e debate mantém e seguem rigorosamente alguns parâmetros epistemológicos ainda escritos no final do século passado, como a questão da sociabilidade vista por Gilmar Mascarenhas, outro ponto, é a chegada das redes sociais na sociabilidade<sup>15</sup>, é levantada uma dúvida: as redes sociais aproximam os produtos a serem vendidos com o freguês ou apenas transparece uma realidade ideal e consumista? Seguindo por uma autocrítica das alusões representadas neste mesmo projeto, é possível chegar em uma conclusão fidedigna

Gilmar Mascarenhas<sup>16</sup> teve a habilidade de relacionar as feiras livres como um ambiente de calor humano, que remonta uma sociedade antiga e pouco tecnológica, que com o avanço das redes de supermercados nos subúrbios cariocas tornava o afastamento do público da feira livre para o comércio formal de verduras e frutas, ambientes fechados e climatizados são mais atraentes do que o calor ao ar livre das lonas que cobriam as barracas na feira, e com isso, afasta os consumidores para uma certa condição de mercado voltada para o ‘pegue e pague’<sup>17</sup>, o consumidor não obtém comunicação com o vendedor, neste modelo não há uma conversação,

---

<sup>14</sup> SIMPURB “Simpósio Nacional de Geografia Urbana”

<sup>15</sup> Sociabilidade, “Ação humana, de práticas de cortesia, de ações oratórias, de entretenimento, meio ao trabalho e o cotidiano das pessoas” O Lugar da Feira Livre na Grande Cidade Capitalista: Conflito, Mudança e Persistência, 1991.

<sup>16</sup> O Lugar da Feira Livre na Grande Cidade Capitalista: Conflito, Mudança e Persistência, 1991.

<sup>17</sup> Mascarenhas, 1991.

a sociabilidade é descartada e o que vigora neste quesito é a maneira rápida e ágil de comprar produtos domésticos nas redes refrigeradas de supermercado.

Comentado [MV1]:

A crise da sociabilidade começa a partir da ausência do ‘calor humano’<sup>18</sup>, do que diz respeito as interações sociais, a integração, o convívio e a abordagem dos participantes, a chegada das redes sociais, dos smartphones, computadores portáteis e tablets são ferramentas que revolucionaram a ciência, e a sociabilidade pode ser também uma ferramenta que alcança um objetivo comum, integrar as comunicações e atrair o público para uma retomada da sociabilidade como maneira de relação pessoal e virtual.

Para Henri Lefebvre:

“Na verdade, se for possível falar assim, o ouvinte desta forma (a informação) acaba sabendo aquilo que não quer saber: como vivem as pessoas – em que consiste o cotidiano. Contradição, dentre outras: a forma da comunicação distancia o conteúdo do qual ela teria tanta necessidade para ter uma existência social; entretanto, ela funciona<sup>19</sup>.”

A comunicação social presentemente baseia-se em um encurtamento da compreensão do tempo. As redes sociais são uma prova disso, e hoje o que é procurado são as profundidades da veracidade destas informações. A guerra, das propagandas, das disputas de poder, e do espaço como palco, são assuntos de interesse mútuo no mundo todo. Em uma escala micro, isto também ocorre. Em Duque de Caxias, município pertencente a Região Metropolitana do Rio de Janeiro nomeada como Baixada Fluminense, as disputas por narrativas endossam um paradoxo cultural que podem ser vistos nas feiras livres do município de Duque de Caxias. Disputas políticas, disputas culturais traçam um paralelo entre os frequentadores fiéis da feira que semanalmente acompanham o desenvolvimento e mudança destes processos e opinam sobre as sugestões e críticas, sendo eles também capazes de ser agentes transformadores.

Neste contexto, de agentes transformadores dentro do universo feira livre estão os feirantes. São eles os únicos capazes de compreender toda a cadeia de produção e reprodução social da feira, eles dão início, meio e fim no trabalho na arrumação das barracas, na

<sup>18</sup> O Lugar da Feira Livre na Grande Cidade Capitalista: Conflito, Mudança e Persistência, 1991.

<sup>19</sup> Elementos de Ritmanálise, 2021.

organização dos horários na disposição bem ordenada entre as partes de um todo popular que, paira sobre este ambiente, por isso há um interesse político e público nestes espaços.

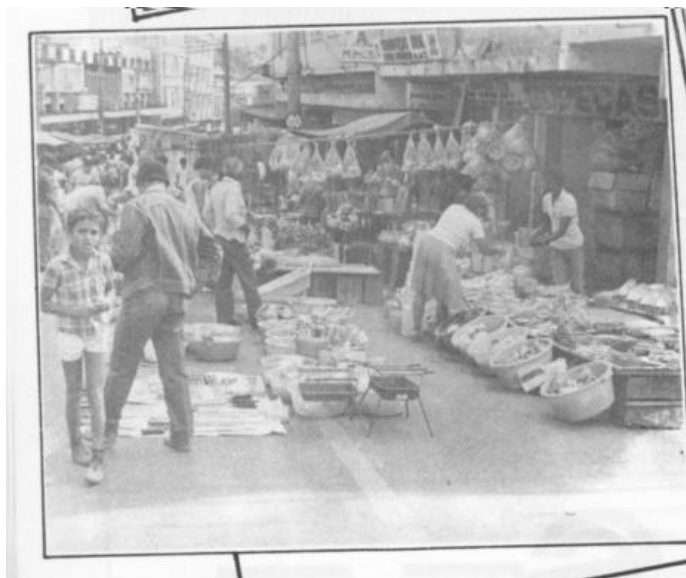


Imagem 01: Comerciantes e feirantes estendem seus produtos enquanto os frequentadores da feira circulam pela avenida Presidente Vargas, em agosto, de 1984.

Disponível em: Revista Caxias Magazine

## 2. DESENVOLVIMENTO

---

A prática dos conceitos de sociabilidade<sup>20</sup> e setor informal<sup>21</sup> são universais na geografia, as aplicações de ambos têm a condição e a realização através da possibilidade, a sociabilidade aplicada no espaço urbano ganha graus de complexidade que tangem outras áreas do conhecimento como o estudo do comportamento humano e o estudo sobre as ações e relações em sociedade nos comportamentos humanos, em suas ações em prol da realização dos fatos, a

---

<sup>20</sup> Mascarenhas, 1991.

<sup>21</sup> Santos, 2001.

possibilidade de obter êxito são combustíveis na ação do ser humano em se relacionar com o outro, por ganhos de acordos políticos, acordos financeiros e trocas culturais.

A sociabilidade dita os ritmos culturais urbanos, as feiras têm na sua base a formação de tabuleiros de madeira e lona, e a exposição de produtos, o material humano não é comercializado, o material humano é a socialização, o caminhar do início ao fim da feira são também movimentos de sociabilidade, o que é movimento nesses centros urbanos se não o deslocamento das massas? A hegemonia cultural e a heterogeneidade das pessoas são um prato cheio para um multiculturalismo, espaços de criatividade, e principalmente de lazer; onde há sociabilidade há lazer; e esse lazer tanto dos frequentadores quanto dos feirantes diminuem a exaustão do trabalho precário.

A válvula do trabalho precário é a informalidade, que desperta interesse e desprestígio dos que não conhecem a realidade urbana, a possibilidade da experiência torna descartável a existência dos indivíduos que trabalham para sobreviver nesses espaços, e essa cultura permeia por todas as classes sociais, a impossibilidade de um conforto maior na feira, é a ausência de banheiros públicos comuns à todos que frequentam a rua, a dificuldade de fazer necessidade vitais, distancia de uma realização completa da experiência feira livre.

O cotidiano da rua tem seus horários, seus limites, suas realidades. Dito isto, a rua tem seus movimentos de lazer e de cultural e também concedido por mercê revogável de poder, o território se torna hostil quando a existência é concebida a partir de critérios e dogmas a serem seguidos.

Os horários da feira livre são definidos a partir de um comitê de feirantes, representantes da secretaria de prefeitura e fiscais de ordem pública, e discutido a possibilidade de início e de fim da feira livre, definindo os critérios que todos os feirantes devem seguir, essa organização é segue um padrão em praticamente todas as feiras, assim dizendo, o cotidiano ele é moldado e não aleatório, a sensação de liberdade no que tange a organização da feira livre é proposital,

por ser ao ar livre, isto intensifica e o espaço ganha ordenamento, hierarquia e critério.



Imagem 02: Criança na calçada ao lado de frigideira e tabuleiros de madeira na feira de Caxias, em agosto de 1984. Disponível em: Revista Caxias Magazine

A sociabilidade na perspectiva de organização é complementar as condições dos acontecimentos, não existe uma ação coercitiva caso os horários de abrir e fechar não sejam seguidos, o que há é uma deslegitimação do trabalho, por ser um trabalho precário em si, a lógica da boa intenção e o mutualismo é perdido, e para reconquistá-lo requer tempo e trabalho dobrado. Essa perspectiva dogmática é o que dá condição de vida para os que trabalham no setor informal, o esgotamento urbano por parte do cotidiano acelerado e desordenado dão espaço ao fracasso final quando os movimentos cotidianos não seguem o padrão geral, a sincronia dos movimentos, do dia-a-dia formam o que é chamado de ritmo, e o setor informal necessita de ritmo, constância para ser concebido, a geografia encontra esse fenômeno e o chama de espaço vivido

O espaço vivido é a superação da prática com a filosofia, pois é caracterizada por uma percepção do observador ao objetivo final, descrever os acontecimentos cotidianos como agente transformador do espaço. A essência deste termo “espaço vivido” é de transformar o indivíduo da ação para um indivíduo observador da ação, no espaço. O que possibilita o esgotamento da tentativa de realizar e sim de descrever o espaço com um laboratório, definindo, conceituando, analisando e concluindo a prática filosófica.

A visão das dinâmicas sociais são elementos fundamentais no mundo capitalista, a articulação dos processos produtivos resulta em um espaço de atividades laborais até a criação de circuitos e ofertas de serviços produzindo lutas políticas e conflitos de interesses, desta forma, o espaço é entendido como um produto histórico, a partir do materialismo-histórico-dialético.

“Para alguns autores, a existência de contrastes que determinam na paisagem a convivência de formas modernas foi encarada como questão basicamente cultural. Nesta linha de abordagem, haveria diferentes espaços vivendo em tempos diferentes, devido à capacidade também diferenciada dos diversos grupos sociais em assimilar a inovação e conseqüentemente modernizar suas estruturas de produção e consumo” Neste caso, os espaços vivenciados não denotam a formação histórica e cultural dos acontecimentos observáveis, ou seja, elimina os movimentos tradicionais de organização e exalta a inovação como uma maneira de aumentar a produção e o consumo, no mundo capitalista esses feitos são estruturais e pouco explorados. Na feira livre o cultural e o histórico são essenciais para obter êxito sobre a existência, o cultural e a inovação caminham lado a lado, pois a cultura acompanha o processo de crescimento produtivo, expansão da sociabilidade, renovação de características sociais, de comunicação midiática e principalmente de consumo.

O setor informal<sup>22</sup> tem como desqualificação a marginalidade urbana, justamente por reunir em sociedade, sob regime de associação e torna-se a socializar os indivíduos que subalternizados da sociedade, o que, na prática, seria dar oportunidade de emprego para os “marginais” da rua, que sobretudo são uma nação invisível na sociedade urbana. Nesta linha de abordagem, o capital financeiro não enxerga a capacidade deste exército de mão de obra

---

<sup>22</sup> O Espaço Dividido: Os Dois Circuitos da Economia Urbana dos Países Subdesenvolvidos. Santos, 2001.

descartável da sociedade, e a informalidade é o caminho que esses indivíduos seguem para obter de forma honesta e digna o pão de cada dia.



Imagem 03: Criança dormindo a luz do dia em cima de tabuleiro de roupa durante a Feira Livre de Duque de Caxias, em agosto de 1984. Disponível em: Revista Caxias Magazine

Para Milton Santos:

“Basicamente, o circuito inferior emerge da incapacidade do sistema capitalista em oferecer o pleno emprego, o que entraria em contradição com os princípios da economia de mercado”<sup>23</sup>

Pode-se compreender, que Milton Santos neste trecho revela a estrutura política da informalidade, o fenômeno do desemprego é uma ação capitalista para aumentar a procura por mão de obra mais qualificada e distanciar a marginalidade do emprego. Presentemente, com as plataformas digitais de entregar comidas expandido a informalidade até o interior dos estados

---

<sup>23</sup> Santos, 2001. p.49.

brasileiros, esses trabalhadores têm a ausência de uma perspectiva de construção de carreira, elementos que caracterizavam a classe trabalhadora tradicional nos países centrais.

A vontade deste artigo é de medir, calcular, analisar os fenômenos simultâneos que acontecem no setor informal e traçar paralelos com a informalidade da feira livre e a crise do sistema capitalista como palco da imaginação do autor, as hipóteses e invariáveis fundamentações servem de uma retratação argumentativa geográfica. A geografia recorta o espaço e dividindo em camadas o universo limitado e observável deste fenômeno, evocando assim a geografia laboral como um caminho de estudo crítico dos princípios, hipóteses e resultados da ciência, um passo a passo até chegar a uma harmonia dos fatos.

A feira livre também é composta por características de negligência do próprio marxismo, a crítica, é formada pela ausência de um capital capaz de abastecer constantemente os feirantes de maneira ininterrupta suas mercadorias, visto que, o feirante não vende somente seus produtos excedentes como era feito nos primórdios das produções rurais, o feirante é um receptor e expositor de iguarias, sendo assim um componente que apesar de insalubridade do seu trabalho obter o salário digno a partir de seus desdobramentos e acúmulo de função.

A partir dessa perspectiva de trabalho, os problemas são postos e sua produção e reflete na sua reprodução social, a alienação atravessa seus horários de trabalho, tendo o horário comercial como o intervalo de tempo necessário para a venda de seus produtos para obter seus acicates de lucro. Outrora, nos momentos de compra de insumos, de manutenção dos veículos que transportam seus materiais, as embalagens, a energia gasta para refrigerar, esse capital não faz parte da mesma composição de valor que o trabalho gera, e nem é visto pelos que pagam pelo produto. A mão de obra não é acrescentada no preço final do produto, e sim apenas o valor da sua produção.

A teoria econômica prolonga o plano científico da teoria filosófica da alienação e fetichismo do setor informal de maneira precária, no que tange a estruturalmente mais frágil, enquanto o trabalho não é visto pela perspectiva da cidadania, a sociologia e o materialismo-histórico-dialético, respeitante à dialética, momento e silogismo, um bom argumento e fundamental conhecimento do cotidiano, na sua camada superficial a metodologia das composições técnicas de produção do capital variável. As formas de regulamentação do

trabalho baseiam o setor formal, o formalismo, e por isso, a classe trabalhadora detém mais trabalhos e menos dinheiro. Pois ela é a base da composição técnica, e possuem valores baixos de remuneração. As classes mais ricas detêm as mesmas composições valores e até mais, e também possuem composições orgânicas mais elevadas, concentrando toda sua riqueza na sua própria classe, aumentando ainda mais o arcabouço social dentre as classes trabalhadoras e as próprias classes trabalhadoras detém diferentes composições, por serem uma grande camada de pessoas que compõe essa classe.

A própria classe média, a tendência é a queda da taxa de lucro, pois o valor salarial será mais alto, e o conseqüentemente os valores dos produtos também acompanharam essa crescente. Aliás, os setores informais e sua classe trabalhadora tem uma grande dificuldade de concentração de renda mínima, o que impossibilita uma acumulação de capital, já que sua renda principal é consolidada a partir das feiras livres e eventos itinerantes chamados, ou seja, bancos que poderiam fornecer microcréditos e micro financiamentos são cada vez mais distanciados da realidade de um microempreendedor do setor informal, com isso, dificulta a sua disputa no competitivo mercado do setor formal, que geralmente é composto por supermercados, hortifrúti e casas de sabão.

O que torna o setor formal na frente do setor informal são as capacidades espaciais de se consolidar em um território. A maquinaria que custa valores altos, são compradas a partir de empréstimos e financiamentos de linhas de crédito que dão autonomia ao vendedor de seus produtos, além de melhorar a capacidade de venda, possibilita uma estabilidade financeira a médio prazo. Os feirantes microempreendedores, pequenos empresários, indivíduos que trabalha por conta própria, não têm a oportunidade de competição com esses gigantes do mercado formal por conta da ausência da maquinaria, e somente a mão de obra qualificada não basta na hora de se destacar no cotidiano da cidade. A feira livre dominical sustenta todo um setor capaz de absorver essas classes trabalhadoras mais pobres que não conseguem se inserir no mercado formal e, por mais que a falta de maquinaria que auxilia na conservação dos produtos, devido à matéria-prima ser de qualidade, pouco é o excedente que sobra para a xepa da feira, ou seja, tudo é produzido conforme a demanda da feira, sem necessidade de estoque.

Os clientes que já são fidelizados semanalmente, ou seja, frequentadores assíduos da feira, colaboram no controle da quantidade de produtos e mercadorias que são para a feira. Dando início a uma outra lógica, num primeiro momento, entre mercadoria e dinheiro. Esse modelo econômico é baseado em uma resistência cultural ideologicamente forte por parte do setor informal, já foi retratado essa resistência em músicas popularmente conhecidas como “Dia de Feira” da banda O Rappa<sup>24</sup>, em que situa a feira como um fenômeno diário que acontece semanalmente de segunda a sexta-feira e aos sábados e domingos também. Ou seja, todo o dia é dia de produzir e vender, e do rapper Criolo<sup>25</sup> que retrata o fetichismo da teoria econômica na canção “Freguês da Meia-Noite”, que conta a história de um garoto de programa que se relaciona com uma socialite e traz um paralelo entre o gênero alimentício encontrado em padarias com o romance vivido pelos dois.

O processo de tornar-se algo homogêneo, puro e ritmanalítico<sup>26</sup> neste trabalho foi usado na metodologia de pesquisa para buscar informações sobre os feirantes de produtos distintos da feira, entrevistados em um mesmo horário no domingo, dia 24 de setembro de 2023, na parte da manhã, em um dia pouco ensolarado, com um evento esportivo, a final da Copa do Brasil de 2023, entre Flamengo x São Paulo<sup>27</sup>, que iria ocorrer às 16h. Durante esse dia, a feira livre na parte da manhã estava com um movimento ascendente entre os frequentadores da feira, o que prometia ser um domingo de boas vendas. Durante a entrevista com os donos das barracas, perguntava-se sobre sua moradia; quantas pessoas do seu ciclo familiar trabalham em seu empreendimento; como conheceu a feira livre; qual melhor horário de venda na feira; citar dois diferenciais na hora de vender seus produtos na feira; e por último; A feira livre gera uma renda principal ou renda complementar? Todas essas perguntas foram respondidas de maneira rápida pelos donos das barracas, dividindo sua atenção com a venda. Como o autor deste artigo, conhece há muitos anos os barraqueiros entrevistados, não foi difícil obter informações sobre eles, o que de bom grado responderam o questionário,

---

<sup>24</sup> O Rappa foi uma banda de rock brasileira, formada em 1993 no Rio de Janeiro. Notável por suas letras de forte cunho social, teve sucesso durante grande parte de seu período de 25 anos em atividade (de 1993 até 2018).

<sup>25</sup> Kleber Cavalcante Gomes (São Paulo, 5 de setembro de 1975), mais conhecido sob o nome artístico de Criolo ou, anteriormente, Criolo Doido, é um cantor, rapper, compositor e ator brasileiro, um dos idealizadores da Rinha dos MCs e indicado ao Grammy Latino de 2019.

<sup>26</sup> Elementos da Ritmanálise, Lefebvre, 2021.

<sup>27</sup> <https://www.lance.com.br/copa-do-brasil/sao-paulo-segura-o-flamengo-no-morumbi-e-e-campeao-da-copa-do-brasil.html>

expondo suas condições de trabalho e de entendimento sobre a feira livre. A hierarquização do projeto ritmanalítico é dado pela divisão do trabalho do setor informal dentro das barracas da feira livre. Boa parte dos trabalhadores, donos das barracas, tem familiares que labutam ao longo do dia para somar com a renda familiar de casa, outros, são amigos e colegas que tem um emprego fixo durante a semana, e nas suas folgas de finais de semana, trabalham na feira livre, também em busca de uma renda extra para sua família.



Imagem 05: Barraca do Acarajé da Jô na feira livre de Duque de Caxias, na altura da Praça Roberto Silveira, Avenida Presidente Vargas, em 1999. Na imagem, dona Jô com sua família, e um cliente que se tornou amigo da família.

O dono da barraca é responsável por saber fazer tudo dentro do seu espaço, desde montar e desmontar sua banca, a produzir, fritar, cozinhar, embalar o produto a ser vendido, como também, é responsável por descarregar o carro com todo o material levado para feira livre antes da feira começar, e depois carregar todo o material de volta para o carro, acumulando uma função completa dentro do circuito de trabalho da feira. Só que, existem barracas que são muito grandes, que necessitam de funcionários para fazer esse serviço pesado, e é nessa questão, em específico, os que executam sua atividade de maneira independente, prestando serviços a vários empregadores com os quais não tem vínculo de trabalho permanente, são chamados, os trabalhadores pagos pela diária de seu trabalho. Eles têm a importância de serem delegadas funções nessas barracas grandes para a montagem das

barracas serem rápidas para que os donos das barracas não percam suas vendas, pois a feira livre a partir das 8h da manhã já tem movimento de pessoas, que saem cedo de casa para justamente fazer a feira matinal e ainda aproveitar o dia, geralmente para fazer um almoço em família, um churrasco, ou ir para a praia.

A feira do dia da entrevista com os feirantes, teve a final da Copa do Brasil, com o Flamengo jogando, em dias de jogos do Flamengo no domingo, o movimento da feira começa logo pela manhã, com alto movimento de pessoas, para que durante o jogo, essas pessoas estejam em casa, em um churrasco, ou indo ao estádio. A dinâmica de uma das feiras livres mais tradicionais do Rio de Janeiro acompanha o calendário de eventos da cidade fluminense, justamente por esses fluxos de pessoas em espaços públicos com alta densidade, por exemplo, feiras, praias, estádios de futebol, essas condições contribuem para aplicação dos conceitos sobre tudo aquilo que requer ritmo, constância, ordenamento, tempo de hierarquização e homogeneização. Implicações, simultaneidade, diversidades dos lugares, temporalidades torna-se notória que a inovação tecnológica e o que regula essa mudança pelas leis de concorrência, sendo equilíbrio entre concentração e descentralização



Imagem 04: Banca e ferramentas e utensílios e ao fundo barraca de carne com carnes cortadas e erguidas.

Disponível em: Revista Caxias Magazine

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

---

O que consiste este artigo é acumular percepções de espaços públicos de direito a cidadania, formação profissional, geração de renda familiar, a partir de modelos de produção do setor terciário da economia e condições de análise da política local em prol de uma formalização adequada para os que vivem de maneira precária no subúrbio fluminense, em específico, na Baixada Fluminense. Utilizar de conhecimentos oratórios de entrevista, de conversação e sociabilidade, são ferramentas vitais para uma boa pesquisa, e ter momentos de definição singulares capazes de transformar o espaço em áreas de debates saudáveis e conclusivos sobre o setor informal, e lidar com pessoas, dando a oportunidade de esclarecer suas dúvidas e endossar discussões contemporâneas, haja visto, que a jornada midiática é o caminho de abordagem, das informações no século atual.

O conhecimento científico deve ultrapassar as fronteiras das universidades e das escolas, e propiciar uma nova chance para os indivíduos que necessitam de emprego, condições básicas de vida, moradia, saúde, educação e paz. Despertar as potencialidades e a existência social daqueles sujeitos subalternizados, tornar decisiva a escolha política e democrática na mudança de um mundo capaz de ter críticas negativas e positivas, sobre as feiras livres, os espaços públicos, além dos feirantes, os camelôs, os freelancers, os expositores em eventos, os motoristas, os seguranças, todos que participam da formação de um conjunto de construções permanentes e temporárias das metrópoles do Brasil.

A ritmanálise tem o papel de tornar lazer e prazeroso o que soa como trabalho, força de trabalho, informalidade, e despertar simultaneamente o senso crítico para uma mudança nas estruturas montadas nesses eventos, nessas feiras, nesse sistema novo, e renova após uma crise do capital. Descrever a existência de espaços politizados e sociabilizados por quem a tanto tempo esteve abaixo da formalidade, e tornar ideologicamente mais forte a fragilidade dos indivíduos, que lutam e persistem no reconhecimento das atividades de trabalho precário, e a

relativa tentativa de realização total da possibilidade de melhores feiras, melhores espaços públicos, melhores situações de trabalho e uma sociabilidade resistente, forte e longínqua.

## 5. REFERÊNCIAS

---

Lefebvre, Henri. **Elementos de Ritmanálise**. 2021, da edição brasileira, Consequência Editora.

Santos de Souza, MarluCIA. **Escavando o Passado da Cidade: História Política da Cidade de Duque de Caxias**. Direitos autorais, 2014. Associação de Professores e Pesquisadores de História-APPH-CLIO.

Cláudio Souza Alves, José. **Dos Barões ao extermínio**. 2ª edição, Revista e ampliada, Consequência Editora, Rio de Janeiro, 2020.

LACERDA, Stélio. **Uma passagem pela Caxias dos anos 60**. Fragmentos de Memória e registros diversos. Duque de Caxias: Edição do Autor, 2001.

Santos, Milton, 1926-2001. **O Espaço Dividido: Os Dois Circuitos da Economia Urbana dos Países Subdesenvolvidos**. 2. Ed. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

De Souza, Eldemar. **A Tradicional Feira de Caxias**. In: Revista Caxias Magazine, agosto de 1984.

MASCARENHAS, Gilmar. **O Lugar da Feira Livre na Grande Cidade Capitalista: Conflito, Mudança e Persistência** (Rio de Janeiro: 1964-1989), dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFRJ, 1991.

Severino da Silva, José. **Diáspora Nordestina na Baixada Fluminense: A Literatura de Cordel como marca Identitária**. Programa de Pós-Graduação em Letras e Ciências Humanas. Duque de Caxias, 2012.

Maria da Silva Amaro de Almeida, Tania. **O Coronel Elyseu e o seu Tempo**. Editora Renascer Ltda.